

## Seres invisíveis, cantos, cura ye'kwana na voz de Vicente Yudaawana na UFRR: oralidade e escrita, tradição e universidade

Vicente Castro Yudaawana<sup>1</sup>  
Pablo de Castro Albernaz<sup>2</sup>  
Reinaldo Wadeyuna Luiz Rocha<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente texto tem como objetivo apresentar os saberes ye'kwana a partir das aulas dadas por Vicente Castro Yudaawana na Universidade Federal de Roraima (UFRR), na disciplina do Encontro de Saberes em 2019. Falecido recentemente vitimado por sequelas da Covid-19, Vicente Castro é considerado por todo o seu povo como o último grande conhecedor tradicional ye'kwana. Sua morte causou uma comoção muito grande entre os seus parentes, não apenas no Brasil, mas também na Venezuela. Apesar de sua partida, Vicente Castro preparou muitos discípulos que receberam seus ensinamentos, desde os Ye'kwana mais jovens que são hoje professores e foram acadêmicos de cursos da UFRR e em outras universidades brasileiras, a cantores e rezadores mais experientes que hoje seguem seus ensinamentos e suas práticas de cura em suas comunidades. Sua aula no Encontro de Saberes foi um exemplo da generosidade de Vicente Castro em ensinar às futuras gerações o respeito pela cultura ye'kwana e pelos saberes tradicionais. Esse texto pretende, num primeiro momento, apresentar o povo ye'kwana e a história de vida desse importante mestre. Em seguida, apresenta a transcrição das falas de Vicente Castro em suas duas aulas realizadas com a ajuda de seu neto, que foi seu tradutor na disciplina. Por fim, reflete sobre a importância dos mestres e mestras na cultura ye'kwana e o potencial de seus ensinamentos para uma descolonização dos saberes acadêmicos e do ensino universitário.

**Palavras-chave:** Artes da cura. Povo ye'kwana. Encontro de saberes.

### **Seres invisibles, canciones, curación ye'kwana en la voz de Vicente Yudaawana en la UFRR: oralidad y escritura, tradición y universidad**

**Resumen:** Este texto tiene como objetivo presentar los saberes ye'kwana a partir de las clases impartidas por Vicente Castro Yudaawana en la Universidad Federal de Roraima (UFRR), en el tema del Encuentro de Saberes en 2019. Recientemente fallecido víctima de secuelas de Covid-19, Vicente Castro es considerado por todo su pueblo como el último gran conocedor de la tradición ye'kwana. Su muerte causó mucha emoción entre sus familiares, no solo en Brasil sino también en Venezuela. A pesar de su partida, Vicente Castro preparó a muchos discípulos que recibieron sus enseñanzas, desde los ye'kwana más jóvenes que ahora son profesores y fueron académicos de cursos en la UFRR y en otras universidades brasileñas, hasta cantores y rezadores más experimentados que hoy siguen sus enseñanzas y sus prácticas curativas en sus comunidades. Su clase en lo Encuentro de Saberes fue un ejemplo de la generosidad de Vicente Castro para enseñar a las generaciones futuras el respeto por la cultura y el conocimiento tradicional ye'kwana. Este texto pretende, en un primer momento, presentar al pueblo ye'kwana y la historia de vida de este importante maestro. Luego, presenta la transcripción de los discursos de Vicente Castro en sus dos clases impartidas con la ayuda de su nieto, quien fue su traductor en la materia. Finalmente, reflexiona sobre la importancia de los docentes y maestras en la cultura Ye'kwana y el potencial de sus enseñanzas para una descolonización del saber académico y la docencia universitaria.

**Palabras clave:** Artes curativas. Pueblo ye'kwana. Encuentro de saberes.

<sup>1</sup> Doutor em Antropologia pela Eberhard Karls Universität Tübingen (EKU), Alemanha. Professor Adjunto do curso de Antropologia da Universidade Federal de Roraima (INAN-UFRR).

<sup>2</sup> Mestre tradicional e dono de cantos da tradição Ye'kwana.

<sup>3</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais.

## **Introdução**

O presente texto tem como objetivo apresentar os saberes ye'kwana a partir das aulas dadas por Vicente Castro Yudaawana na Universidade Federal de Roraima (UFRR), na disciplina do “Tópicos Especiais I: artes e ofícios dos saberes tradicionais” em 2019. Falecido recentemente, Vicente Castro é considerado por todo o seu povo como o último grande conhecedor tradicional ye'kwana. Sua morte causou uma comoção muito grande entre os seus parentes, não apenas no Brasil, mas também na Venezuela. Apesar de sua partida, Vicente Castro preparou muitos discípulos que receberam seus ensinamentos, desde os Ye'kwana mais jovens que são hoje professores e foram acadêmicos de cursos da UFRR e outras universidades brasileiras, a cantores e rezadores mais experientes que hoje seguem seus ensinamentos e suas práticas de cura em suas comunidades. Sua aula no encontro de saberes foi um exemplo da generosidade de Vicente Castro em ensinar às futuras gerações o respeito pela cultura ye'kwana e pelos saberes tradicionais.

Esse trabalho pretende, num primeiro momento, apresentar o povo ye'kwana e a história de vida desse importante mestre. Em seguida, apresenta a transcrição das falas de Vicente Castro em suas duas aulas realizadas com a ajuda de seu neto, que foi seu tradutor na disciplina. Por fim, reflete sobre a importância dos mestres e mestras na cultura ye'kwana e o potencial de seus ensinamentos para uma descolonização dos saberes acadêmicos e do ensino universitário.

Reinaldo Wadeyuna, professor ye'kwana que foi tradutor dos saberes de seu avô durante as aulas em 2019, afirma que Vicente Castro continua vivo mesmo depois de sua morte, pois ele se tornou uma espécie de “baú” onde os Ye'kwana ainda buscam sabedoria a partir das memórias e registros deixados por ele durante sua vida. Com a transcrição e reflexão sobre as aulas dadas por Vicente Castro no curso do Encontro de Saberes na UFRR, pretende-se contribuir para manter viva a memória e os saberes desse grande mestre dos conhecimentos tradicionais.

## **Os Ye'kwana**

Os Ye'kwana são um povo de língua caribe, cuja população atual é de cerca de 8600 pessoas que vivem em aldeias na Venezuela e no Brasil. No Brasil, são cerca de 615 pessoas distribuídas em comunidades localizadas na Terra Indígena Yanomami (TIY), em

Roraima: Fuduwaduinha, Kudaatainha e os pequenos núcleos familiares chamados Takunemoinha e Tajädeditoinha ficam no rio Auaris, enquanto Waschainha é a única comunidade situada no médio Uraricoera. Na Venezuela o território historicamente ocupado pelos Ye'kwana cobre parte de Estado Bolívar e do Território Federal do Amazonas.

Na literatura etnográfica os Ye'kwana são referidos sob diversas denominações como Makiritare, Dekuana, Guaynungomo, Ihuruana, Kunuana e Majonggóng, que designam variações fonéticas e regionais (Copes, 1971). David Guss afirma que a autodenominação Ye'kwana remete às habilidades na navegação, pois “ye”, significa árvore, “ku”, “água”, e “ana”, gente, o que traduzido significa “gente da canoa” ou “gente do pau d’água” (Guss, 1990, p.7).

As comunidades ye'kwana localizam-se em regiões de difícil acesso, próximas às cabeceiras dos rios. Tradicionalmente, todas as aldeias contavam com apenas uma casa redonda *ätta* onde viviam várias famílias e o número de habitantes nas aldeias variava de vinte a sessenta pessoas. Nos dias de hoje as casas ye'kwana são em sua maioria de formato retangular *ku'shamaakadi* e abrigam apenas a família mais próxima, embora Fuduwaduinha conte com uma grande casa redonda *ätta* inaugurada em 2016.

Os saberes ye'kwana se vinculam de forma primordial ao ciclo de histórias denominadas “*Watunna*”. *Watunna* são as histórias do povo antigo e dos ancestrais celestes que são passadas de geração a geração através das narrativas dos mais velhos, dos cantos *a'chudi* e dos rituais coletivos *ademi*. Basta um pequeno acontecimento cotidiano que necessite de uma resolução para que *Watunna* surja como fio norteador das reflexões e ações; para que as histórias brotem como orientadoras das práticas ye'kwana. Os sábios (*inchonkomo*) são aqueles que dominam as histórias, os cantos e as invocações que se relacionam de forma intrínseca com *Watunna*.

As *Watunna* são histórias que compõem uma longa narrativa sobre as tentativas de Wanadi de criar a terra como réplica de *Kahuña*, o céu superior. Com a chegada à terra de Seduume Wanadi, deu-se início a criação do mundo, mas de sua placenta nasceu Odosha, seu irmão gêmeo, que corrompeu as novas pessoas. O canto e o maracá, o sonho e o tabaco, aparecem como elementos de criação do mundo; enquanto as palavras e ações de Odosha aparecem como signo de seu corrompimento, fazendo com que o mundo se torne imperfeito, uma terra má, onde a doença, a fome e a escuridão

reinam sobre a saúde, a abundância e a luz. Após as sucessivas tentativas de tornar a terra réplica de *Kahuña*, Wanadi deixou ensinamentos que um *so'to* (pessoa) deve saber para viver nessa terra imperfeita, que estão presentes nas palavras de Watunna, e foi embora para um céu distante no cosmos (Civrieux, 1970; Albernaz, 2020).

Desde que Wanadi foi embora o mundo é dominado por forças negativas (pelos seres de Odosha) que suplantam em número as forças positivas (seres de Wanadi). Conforme narra Watunna, depois de ter vivido na terra por muito tempo lutando contra as forças de Odosha, Wanadi deixou a terra nas mãos de seu irmão Odosha e partiu (Arvelo-Jiménez, 1974, pp. 157-8). Desde então, a vida é uma luta constante contra os Odoshankomo (seres de Odosha). Os cantos, as plantas tradicionais e os objetos rituais são os meios por excelência de proteção contra esses males.

Os donos de cantos (*a'chudi edajä*) são os responsáveis pela comunicação com os seres do mundo invisível. Os cantos e invocações (*a'chudi*), os cantos da cerimônia de inauguração das casas novas (*ättä edemi jödö*), das roças novas (*toki edemi jödö*) e da chegada dos caçadores (*tanöökö edemi Jödö*) foram dados aos Ye'kwana no começo dos tempos por seu herói cultural Kuyujani, não havendo, no plano ideal, a concepção de criação de novos cantos.

O arrote, o sopro, a palavra mentalizada, falada ou cantada, compõem o modo de se fazer *a'chudi*. O cantor é geralmente chamado por alguma família para que realize um canto. Sua ação se dá geralmente no círculo doméstico, diante de poucos ouvidos e acontece a qualquer momento sem mobilizar o resto das pessoas da aldeia<sup>4</sup>.

Os cantos são saberes relativamente especializados aprendidos em idade madura, mas as crianças observam os cantores mais velhos em seu controle das forças invisíveis e podem manifestar já na infância a vocação para se tornar donos de canto. Esse saber especializado requer longo aprendizado e exige dedicação dos seus aspirantes para a memorização dos cantos e seus termos específicos.

Com um ritmo quase hipnótico, os *a'chudi* se estruturam em listas de nomes que fazem parte de um complexo sistema de metáforas e de nomações distintas das usadas na fala comum. Nesses cantos, certos predicados das coisas, espíritos, animais e

<sup>4</sup> De acordo Henrique Gimenes somente os *a'chudi* do segundo banho, da retirada do bebê da casa e do ritual de retirada da menarca (*aji'choto*) podem contar com a participação de toda a comunidade com caçadas e pescarias coletivas (Gimenes 2009).

ancestrais míticos são nomeados para memorização de seus atos primevos ou para a purificação, a saúde e o fortalecimento da pessoa. O ato de fazer *a'chudi*, sua ação encantatória, é fundamental para que a vida social aconteça.

*A'chudi* nominam seres e espíritos em invocações que podem ser feitas em silêncio, através da palavra falada ou do canto. Os *ademi* são cerimônias coletivas que dão centralidade ao cantar junto e introduzem os instrumentos musicais *shiiwokomo*. Nessas cerimônias os cantos, as danças e o consumo de bebida fermentada (*yadaake*) são meios por excelência de conexão (*Wadeekui*) com o céu superior (*kahuña*) de modo que cantar, tocar, dançar e beber são ações que repetem os momentos primordiais narrados nos mitos de Watunna.

Outra importante tecnologia dos Ye'kwana são suas plantas chamadas de *mada* (termo geral) ou *woy* (termo específico). O conhecimento botânico ye'kwana é vasto e diversas plantas são usadas com a pintura corporal na proteção e construção da pessoa. As plantas *mada* e *woy* são fundamentais para as curas e proteção. A maioria dos Ye'kwana possuem pequenas cabaças chamadas *etöödätoojo* presas nos colares de miçangas ou na cintura, que possuem em seu interior plantas *mada* cantadas por um sábio, que servem para proteger seus donos, afastar os inimigos e o mal tempo. As plantas *woy* servem ainda para vingar a morte dos Ye'kwana.

As pinturas corporais e as miçangas (*mayuudu*) são também importantes meios de proteção e de criação da pessoa. De acordo com as histórias de Watunna, Majaanuma, avô de Wanadi, fez a primeira colocação de adornos na sua neta Kumaayudumjano e em seu neto Kwamachi, ensinando o padrão das miçangas aos Ye'kwana. As miçangas são a base dos adornos corporais e Watunna conta como no início dos tempos as miçangas pertenciam aos Ye'kwana que as perderam para os brancos, vindo tempos depois a recebê-las de volta dos últimos.

David Guss afirma que esses adornos corporais demonstram a concepção do homem como cosmos (Guss, 1994, p.62). Ao cruzarem os pulsos, braços e pescoço, colares e pulseiras de miçangas separam o corpo em dois círculos concêntricos, isolando o tronco que se vê separado dos membros e da cabeça. O tronco, onde se localiza o coração, e a cabeça, onde ficam os olhos, são dedicados a integrar o homem ao cosmos.

**Vicente Castro Yudaawana**

Vicente Yudaawana nasceu em uma aldeia às margens do rio Cunucunuma na Venezuela, mudando-se ainda jovem para Fuduuwaduinha, no Rio Auaris, localizada no Brasil. Quando jovem, Vicente começou a aprender sobre a escrita andando e viajando pelo Brasil e pela Venezuela. Seu aprendizado começou nos anos 1960, período em que acompanhou em viagens pelas comunidades ye'kwana o grande conhecedor tradicional (*füwai*) de Fuduuwaduinha, Apolinário Gimenes e um coronel do exército brasileiro no trabalho de abertura de pistas de pouso em Surucucus, Waikás (Terra Indígena Yanomami) e na região do rio Parima na Venezuela. Com o coronel, Vicente viajou também para Manaus, Belém, Amapá e Suriname a bordo de aviões militares, aprendendo nessas viagens as letras e palavras em língua portuguesa.

Nos anos 1970, Vicente viajou para as aldeias de Fadawanha e de Acanaña na Venezuela, onde aprendeu com a ajuda de missionários evangélicos a ler e a escrever na língua ye'kwana. Anos depois, Vicente visitou a comunidade católica de Santa Maria do Erebató na Venezuela, onde continuou seu aprendizado da escrita com os missionários, enquanto estudava com os sábios (*inchonkomo*) a tradição ye'kwana. Foi vivendo em contato com os brancos (*iadanawe*) e imergindo nas tradições ye'kwana que Vicente se utilizou da escrita na língua vernácula para registrar os conhecimentos do seu povo no papel para posteriormente memorizá-los, sendo considerado o último conhecedor de “memória” das tradições ye'kwana.

É importante dizer que a maioria dos homens maduros e dos anciãos como Vicente Castro sabem ler e escrever na língua vernácula. Se por um lado o papel é considerado um objeto perigoso que exala um cheiro ruim que torna os Ye'kwana preguiçosos e com pouca memória, por outro a escola e o uso do papel foram transformados em meio de resguardo e de registro dos saberes tradicionais. Assim os Ye'kwana deram os primeiros passos em direção à criação de uma escola em sua comunidade e ao domínio dessa importante ferramenta dos brancos: a escrita. A presença de Vicente Castro no “Seminário Antropologia e Encontro de Saberes: diálogos interepistêmicos” realizado em 2017 e na disciplina “Encontro de Saberes”, em 2019, é vista por ele como continuidade nesse longo processo de conquista da escrita e de afirmação dos saberes ye'kwana tendo a escola como instituição de fronteira, onde se dão os diálogos entre os saberes tradicionais e os conhecimentos dos brancos (*iadanawe*).

As aulas dadas por Vicente Castro serão apresentadas a seguir em primeira pessoa a partir da transcrição dos registros audiovisuais realizados durante o curso. Alguns comentários foram acrescentados em colchetes para contextualizar alguma ação específica ocorrida durante a aula. O módulo “Linguagens e Narrativas”, ministrado pelo mestre Vicente Yudaawana, ocorreu ao longo de dois dias, em julho de 2019 no auditório do Instituto de Antropologia (INAN) da UFRR.

A primeira aula foi introdutória e apresentou os saberes ye'kwana aos discentes. A segunda aula, além de dar continuidade aos ensinamentos das histórias de Watunna, contou com atividades práticas como a apresentação dos objetos de cura e plantas de poder trazidos por Vicente e com um ritual de cura realizado em um jovem que enfrentava problemas espirituais, além da refeição coletiva com *damorida* (caldo de peixe) e do refrescante *wo'kö* (água com farinha) preparados pelas mulheres ye'kwana como encerramento das aulas.

### Vicente Castro Yudaawana: Aula 1



Vicente Castro Yudaawana e seu neto e tradutor Reinaldo Wadeyuna (Foto: Pablo Albernaz)

Boa noite. Eu me chamo Vicente Castro, mas esse é meu nome em português. Na minha infância, minha adolescência, meu parentes me chamavam de Wasijinheedu. Estou de novo aqui nesse lugar para ouvir vocês. Para estar com vocês. Eu vou explicar

quem nós somos e quais são os nossos conhecimentos. Estamos aqui agora para ouvir e eu vou introduzir a minha fala.

Nós temos os nossos conhecimentos e por isso que estamos hoje aqui: para trocar conhecimentos. Vocês são gente que sabe pensar. Vocês sabem pensar sobre os futuros que virão para as gerações que sempre nascem. Eu já vivi também como vocês buscando conhecer o nosso mundo e como nós vivemos. Isso é o que nós devemos saber. Cada um de nós.

O mundo está crescendo cada vez mais. Isso que iremos tratar agora será o início da minha fala. A introdução ao que nós vamos estudar aqui. O que está acontecendo na verdade? O mundo de antigamente será que é o mesmo de hoje? Nós temos um jeito de contar nossas histórias. Desde o início do mundo. E isso é algo importante para se transmitir a vocês. Eu vou tentar explicar.

Iremos falar de assuntos que são muito importantes. A gente nunca sabe quando irá adoecer. Existem muitas forças nesse mundo que podem te atacar. Elas são invisíveis, a gente não vê. Se alguém adoce eu tenho a sabedoria e vou buscar os remédios para curar aquela pessoa que está adoecida em sua casa. Eu sei que não é qualquer pessoa que pode fazer isso. Sou eu, que sou conhecedor, quem sabe. Então eu faço algum ritual para fortificar o material que eu extraí da floresta. Isso é importante para nós. É o nosso remédio do mato. É como vocês que possuem farmácia, drogaria. Nós temos o nosso jeito de ser [*Ye'kwana weichö*]. O nosso conhecimento. E vamos para a floresta para extrair os nossos remédios tradicionais.

A minha presença aqui é um modo de lutar por vocês. De falar a verdade, diante de vocês. O que eu posso explicar, quem sabe possa servir para vocês. Antes de partir, de vir para cá agora, eu fiz um ritual para que a minha fala seja boa. Para que vocês entendam o que eu estou transmitindo para vocês.

Eu acho que foi a partir desse milênio, do ano 2000 para cá, que começamos a mostrar a nossa história e a falarmos de nossas situações. Antes disso era muito diferente. Nos governos militares não era assim. O pensamento era diferente e não existia espaço para os saberes indígenas.

Com o Encontro de Saberes surgiu uma nova oportunidade para nós mostrarmos nossos saberes, através do Pablo, que nos oportunizou, deixou esse espaço aberto, mais amplo, para a gente expor a nossa realidade. Isso aconteceu justamente quando eu

estou ficando cada vez mais fraco. Se fosse quando eu era mais novo eu poderia ajudar a avançarmos ainda mais nessa caminhada na história, aqui no estado de Roraima. Mesmo assim eu posso tentar transmitir o meu conhecimento para vocês.

Hoje em dia, o mundo está mudando. Por exemplo, existem remédios que fazem mal e remédios que servem para curar. Existem muitas drogas que foram universalizadas. Nós temos o tabaco tradicional, que a gente considera uma defesa do ser humano, para fazer trabalhos. Não é qualquer tabaco como os que vocês fumam. Não é para brigar, para ficar valente. Existe outras plantas como o *kaji* [ayahuasca] que serve para curar as pessoas. Wanadi criou o mundo fumando tabaco [*kawai*]. O primeiro Wanadi se chamava Seduume. Ele trouxe o conhecimento, o tabaco, o maracá e as pedras de *widiiki* [pedras xamânicas]. Foi fumando e cantando que ele fez o mundo e os seus primeiros habitantes.

Na cultura ye'kwana existem os *füwai* [xamãs]. Aqui, próximo a Boa Vista existe uma árvore que os xamãs usam para curar as pessoas, para protegê-las. Ela, na época do princípio, era idêntica ao *kawai* [tabaco] que usamos hoje. Essas histórias aprendemos desde criança. Watunna são as histórias ye'kwana. Elas são transmitidas oralmente.

Qual é o caminho certo para as gerações futuras? Cosmologia, por exemplo. Como surgiu? Qual é a história do povo? Eu vou tentar explicar. Estou introduzindo. Isso é importante de explicar. Como surgiu na nossa terra o ar, luz, água, céu, disso eu entendo. Eu tenho histórias. Isso eu posso explicar. Quando Wanadi veio nessa terra, existia apenas lama; não se podia pisar nela. Não havia árvores. Nós temos muitas histórias, infinitas histórias. Quem sabe, mais adiante, poderemos aprofundar mais.

Eu vou falar mais sobre isso com vocês amanhã. Amanhã é o dia. Para nós, o dia é saudável até o meio-dia. Depois do meio-dia é um pouco nocivo. Então eu vou iniciar cantando. Porque é cantando que conseguimos aprender as histórias. Não se trata de um canto qualquer. Nos nossos cantos é que surgem as histórias. Minha intenção é fazer isso amanhã. Também gostaria de mostrar para vocês os chocalhos, adornos, plantas. Porque não adianta eu ficar apenas falando. É preciso comunicar através do canto, através dos rituais, através das festas. É assim que contamos as nossas histórias, através dos cantos. Esse é o modo ye'kwana. Isso é o que quero mostrar para vocês.

Eu queria, se tiver oportunidade, mostrar para vocês um ritual de cura. Eu tenho algumas folhas aqui comigo, tenho um paciente e na aula de amanhã farei um pequeno ritual de cura. Farei cantos e mostrarei para vocês. Se vocês aceitarem. Porque eu faço vários cantos, para curar, para deixar as pessoas tristes, alegres. Temos cantos de cura e muitos outros cantos.

Os cantos são uma forma de ensinar. Antigamente a gente não falava na escola. As pessoas que estivessem interessadas em aprender de verdade, viravam aluno e aprendiam os cantos e curas. Eles tinham preparo, a partir dos sábios. Essa era a nossa forma de ensino. Se alguém tivesse alguma doença, vem até mim e eu faço as curas. E aquele que queria aprender, vinha até mim e pegava meu conhecimento.

Os cantos não são cantados na linguagem normal ye'kwana. Se vocês falarem ye'kwana vocês podem aprender nosso cântico. Mas não vai ser fácil. Isso leva bastante tempo.

Eu não sou xamã [*fūwai*]. Eu sou dono de cantos [*a'chudi edajä*]. Aqui, nesse mundo, eu não faço xamanismo. Mas eu me conecto com os xamãs ancestrais através do sonho, me conecto com *kahuña*, que não é esse céu que nós vemos, mas outro, superior, que fica em outro universo. Eu tenho outros personagens superiores, que não vivem aqui. Eu faço *wadeekui* [linhas] para fazer conexão. Só quando eu morrer é que eu vou conhecê-los. Por exemplo, eu faço canto ritual. Então, antes de começar, eu tenho que fazer a conexão [*wadeekui*]. No canto ritual, a partir dessas linhas eu cito vários nomes no canto, que vão chegando à minha cabeça.

Eu estou respondendo para vocês. Eu tenho *widiiki* [cristais xamânicos] em forma de pedra também, que chega em minha língua, minha boca, para que eu possa transmitir o que eles estão falando em *kahuña*, no céu. Por exemplo, tem esse material dos *fūwai* [xamãs]. Dentro do *madaaka* que os *fūwai* tocam tem essas pedras de *widiiki*. Eu não toco maracá, mas eu tenho *widiiki*.

Na cultura ye'kwana, os saberes são ensinados pelos mais velhos para seus filhos e seus netos. Para seus parentes próximos. As pessoas de mais idade, de 50, 60 anos, podem me procurar para perguntar sobre algum ritual que é necessário fazer. Nesse caso eles devem me pagar, para eu fazer o ritual e eles aprenderem. Durante as festas coletivas, eu ensino de graça, quem tiver interessado pode aprender. O melhor período para se aprender é a noite, quando os pássaros estão dormindo. Durante o dia, quando

eles estão acordados, o conhecimento não é muito memorizado, pois eles “roubam” as histórias.

Quando o filho está doente, os seus pais chamam o sábio, o presenteiam com uma miçanga ou um arco e flecha e o cantor realiza o ritual do *a'chudi* para curar a criança. O mesmo modo com a morte. Existem os rituais. Nós estamos mantendo a nossa cultura de cuidado com os mortos. Quando morre um parente, nos reunimos para escolher uma pessoa para realizar o sepultamento. Quando essa pessoa realiza o ritual para enterrar nosso morto, ela precisa ficar isolada por meses, até mesmo um ano, para se purificar. Ela pode ir para o mato para pegar algumas plantas, mas não pode comer junto com os demais. Ela precisa ir para a cachoeira, à noite, com um dono de cantos, para realizar a sua limpeza com *a'chudi*. Se não fizermos isso, as crianças podem ficar doentes, com desintéria, fraqueza na memória. Quando é um sábio quem realiza o ritual fúnebre, esse tempo de purificação pode ser reduzido, pois ele é dono dos cantos. Para fazer uma casa acontece o mesmo. É preciso fazer ritual para mandar para longe os espíritos maus [*odooshankomo ekaato*]. Se não fizermos esses rituais, as pessoas adoecem.

Eu comecei a aprender na infância. Quando eu era criança, novinho, meu pai faleceu. Minha mãe também. Então eu fui criado pela minha avó. Quando eu era adolescente existiam vários conhecedores, vários sábios e xamãs. Havia também muitas mulheres sábias. Então eu me aproximava deles e delas, quando conversavam entre eles, e dizia que eu queria aprender também. Então eu ficava atento. Eram vários sábios que se reuniam. Eles me viam e diziam: “eu acho que esse menino é obediente. Ele aprende bem e deve se tornar conhecedor no futuro. Vamos ensinar a ele enquanto ele está interessado. Vamos priorizar o seu ensinamento”.

E foi assim que a minha aprendizagem começou. Durante as festas coletivas eu também ficava atento. Nesses momentos era mais fácil aprender. E foi assim que fui ouvindo, memorizando esses saberes. Quando um jovem quer aprender, primeiro tem que conversar com o xamã. E o xamã vai saber em sonho se deve passar esses conhecimentos ao jovem.

Quando eu era adolescente, eu vi mulheres xamãs. Ela estava se iniciando no *madaaka* [maracá]. Faz uns 60 anos atrás desde que tivemos a última mulher xamã. Já o último xamã homem faleceu há uns 15 anos atrás. O aprendizado das mulheres não

era diferente. Elas também têm *a'chudi* que só elas cantam. O ritmo do canto é um pouquinho diferente. As meninas podem aprender com as mães e com as sábias. Ainda existem mulheres conhecedoras entre os Ye'kwana.

Quando se realizam rituais, festas de embelezamento da menina moça [*aji'choto*], ela deve ser pintada de urucum e de outros tipos de resina, que ajudam ela a ficar saudável. Antes de surgirem os Ye'kwana, antigamente nós tínhamos o criador do mundo chamado Kuyujani, tínhamos Wanassedume. Esses personagens que viveram no princípio dos tempos viajavam pelo pensamento até o céu superior, chamado *kahuña*. E de lá eles traziam esses materiais. Urucum, jenipapo e outros tipos de plantas. Isso foi dado ao povo Ye'kwana. Havia também as miçangas. Elas não foram transformadas em plantas. Elas eram nossas no princípio. Wanassedume [Wanadi] as trazia no princípio. Como éramos viajantes, encontramos elas em nossas viagens e percebemos que Wanassedume já havia nos dado elas no começo dos tempos. Por isso nós sempre lembramos das miçangas. Ela multiplica as nossas sabedorias. Majaanuma trouxe as miçangas aos Ye'kwana e ensinou ao seu neto, Kwamashi, como se deve fazer o embelezamento.





Adornos de miçanga ye'kwana (Fotos: Pablo Albernaz)

Não se trata apenas de embelezamento. Mas também de proteção. Para nós isso é o principal. Para proteger nossos corpos, comunidades, famílias. Por exemplo, temos as cabaças *etöödotojo*, onde colocamos vários tipos de plantas. Isso serve para proteção, como se fosse uma capa no teu corpo. E existe também algumas plantas misturadas com pintura e com as quais nos pintamos para proteger os nossos corpos. Principalmente no pé, quando você vai para a floresta, para as cobras não se aproximarem. Essas plantas as fazem adormecer, ficar tranquilas. Antes de sairmos nós fizemos uma oração [*a'chudi*] para nos protegemos. Existe essa cabaça da qual eu falei, que usamos para invocar os bichos que você está querendo caçar. Ela os amansa e ajuda nas nossas caças.

Os tempos mudaram muito, mesmo assim a gente continua mantendo a forma de cuidar as nossas plantas. Principalmente a *maniva* que é sagrada para nós.

Antigamente a gente se mudava e assim ia fazendo novos roçados. Encontrava novos lugares de caçada. Hoje em dia, com a chegada dos brancos, começamos a nos fixar num mesmo lugar. Isso acaba enfraquecendo um pouco a nossa realidade, pois ficamos perto da pista de pouso e do posto de saúde.

Vou falar sobre a escolarização e as mudanças no nosso modo de vida. A educação tem que ter lastro para a gente discutir também. Temos que fazer grandes avaliações entre nós sobre o que está acontecendo. Será que estamos no caminho certo, para as futuras gerações que estão nascendo? Eles serão futuros defensores dos seus territórios? Ou serão escravos do capitalismo? Hoje nós ainda fazemos nossos alimentos, farinha, beiju, pimenta e isso é muito importante para nós.

Hoje nós somos mais de 600 pessoas no Brasil. A escolarização do nosso povo já se encontra avançada. Temos jovens que estudaram no ensino superior, mestrado. Nós também temos Ye'kwana que querem virar pesquisador. Isso nós estamos tentando fazer. Por isso precisamos fazer avaliação de todo o nosso processo de escolarização. Os sábios devem colocar nas nossas escolas os nossos valores e as nossas realidades. Os currículos que vêm da cidade chegam bem fortes. Por isso temos de valorizar e praticar mais a nossa tradição. Essas são as minhas palavras para hoje.

## Vicente Castro Yudaawana: Aula 2



Vicente Castro durante a segunda aula (Foto: Dalila Dantas Simões)

[No começo da segunda aula, Reinaldo fez uma introdução sobre Watunna e a cultura ye'kwana, sobre a casa tradicional, os cantos e instrumentos musicais. Falou sobre a casa tradicional e sobre a sedentarização em Auaris e a mudança nas construções das casas que agora passaram a ser familiares e não uma única casa coletiva. Como mote para o início das discussões e introdução do pensamento ye'kwana aos alunos, fizemos a leitura de trechos dos mitos de origem ye'kwana coletados por Marc de Civrieux (1970). Como já foi salientado, essas narrativas de origem contam como Wanadi tentou criar uma terra boa, porém foi impedido por Odocha, que, junto com ele, criou o mundo como é atualmente: uma terra imperfeita, estragada (*amoije*), desvinculada de *kahuña*, o céu primordial].

Bom dia a todos. Hoje é um dia importante para mim, porque estou aqui com vocês. Eu vou dar continuidade ao que eu falei ontem à noite. Eu queria explicar mais um pouco para vocês. Eu acho que é isso aí mesmo. O começo de Watunna, o princípio dos Ye'kwana. Isso foi resumido aqui agora. Esse é um outro jeito de explicar, pela leitura das histórias escritas num livro. Nós aprendemos transmitindo as histórias de gerações em gerações, através da oralidade.

Tem algum Macuxi, Taurepang, Yanomami ou Wapischana aqui? Eu queria saber isso, antes de iniciar. Eu queria dizer que nós fomos criados pelo criador do mundo. Cada um de nós tem um jeito, uma cultura diferente, uma cor diferente, por isso nominamos esses criadores de forma diferente. Somos habitantes nessa terra, nesse mundo.

Nosso criador veio primeiro aqui na terra, antes de nós, humanos. Ele preparou a terra para vivermos aqui e cuidar da natureza. Isso é o que eu vou comentar um pouco. Somos minoria aqui. Isso nos deixa às vezes desanimado. A terra está cheia, com muita gente. Mas nós, povos indígenas, somos minoria. O caminho certo é difícil entender. O caminho largo, errado, é mais fácil de entender. Eu percebo isso nos jovens na cidade, que buscam aqui esse conhecimento. Eu fico às vezes triste por isso, porque eles serão os futuros líderes. Eu acho que não é só com a gente que acontece isso. Acho que vários povos passam pelo mesmo problema.

Eu vou comentar um pouco sobre minha situação na cidade. Eu estou aqui porque recebo benefício do governo federal. Precisei vir à cidade para assinar alguns documentos. Eu sou idoso e recebo aposentadoria. Em seguida, nós teremos atividade

em nossa comunidade. Eu irei falar em Fuduuwaduinha, do mesmo modo que estou falando aqui para vocês. Lá nós iremos falar dos *a'chudi*, nossos cânticos, e faremos nossos rituais. Eu sou o principal conhecedor, o principal a falar para os meus parentes. Iremos também organizar um grande encontro com o pessoal da Venezuela. Será um encontro muito importante para nós.

Isso é o nosso objetivo. Eu tenho que ter esse pensamento, fazer conexão para acontecer. Se não for para acontecer, você corta o *wadeekui* [linhas, conexões].

Eu estou olhando para o modo que estamos sentados nessa sala. O correto seria estarmos todos em círculo, dançando e tocando *wasaja*, mas eu entendo que aqui temos pouco espaço. Então eu vou agora cantar e tocar *wasaja*, nosso instrumento tradicional.



Vicente Castro canta enquanto um jovem toca wasaja (Foto: Dalila Dantas Simões).

[Nesse momento, um jovem sentado ao seu lado começa a tocar o instrumento na sala, sentado em sua cadeira, sem bater com ele no piso, pois não era terra de chão batido. A *wasaja* é uma vara-chocalho ou bastão de ritmo com corpo de madeira que emite sons a partir da fricção de pedras e sementes da fruta de uma planta da família das apocináceas, colocadas presas com cordas à vara que é golpeada contra o chão. Vicente começa a cantar um canto que dura sete minutos. Quando encerra, todos os alunos o aplaudem].

Vou explicar a vocês o significado do meu canto. Esse canto cita os personagens que trabalharam, que construíram esse mundo no princípio. Eles criaram o que temos hoje em dia na terra: ar, água, terra, céu, animais e outros seres. Eu trouxe esses personagens no canto. Eu citei no canto os nomes dos personagens e o que eles fizeram no começo do mundo. Eu fiz isso para lembrar. Nosso canto é história. Esses personagens continuam existindo nos cantos. Os Ye'kwana conseguem levar, dar continuidade a eles através dos cantos. Porque eles são os principais. Eles trabalharam para construir a terra para que as pessoas vivessem bem, cultivando-a. Esse canto é para isso. O último personagem citado foi Kuyujani. Depois de Kuyujani foi que o mundo se tornou esse em que a gente vive. Foi isso. Eu introduzi através do canto a história. Existem várias camadas na terra e eu também as citei. Em lugares mais subterrâneos existem espíritos maus, que adoecem os humanos. Então com os cantos nós nos protegemos e nos lembramos, homenageamos e agradecemos os que trabalharam no princípio.

Nós temos as nossas festas coletivas, chamadas *ademi*. A maior delas é o *tanöökö*, que conta a história de Kuyujani. Dentro dele existem várias danças, ritmos, instrumentos musicais, cantos. Por isso o ritual pode demorar uma semana inteira, até oito dias de festa, desde a retirada da folha de injá até o fim da festa. Essas folhas têm dono, então temos que fazer ritual para retirá-las, senão nós podemos adoecer, caso não façamos os rituais.

O ritual da casa redonda [*ättä edemi jödö*] também é uma festa longa, de três dias, assim como o das roças novas [*toki edemi jödö*]. Existem vários nomes e rituais dentro da festa. Porque no começo dos tempos as pessoas falavam apenas uma língua. Isso foi no tempo de Kuyujani<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> De acordo com Watunna, Kuyujani demarcou o território ye'kwana e realizou a primeira festa do *tanöökö*. Kuyujani saiu de *Ye'kwana jödö* e viajou circundando a terra dos Ye'kwana. O retorno de Kuyujani foi comemorado com uma grande festa com a presença de todos os povos. Esse foi o primeiro *tanöökö*, no tempo em que humanos e animais viviam juntos e falavam uma mesma e única língua. Kuyujani e seu cunhado Wanato ensinaram a fazer a festa do *tanöökö* e deram as pinturas corporais e adornos como os colares com dentes de queixada; os motivos e formas de trançado das cestarias; os instrumentos musicais tradicionais e os cantos *ademi*. Fakwawa, irmã de Kuyujani, era dona da *kanawa*, um recipiente usado para depositar o *yadaake* (bebida fermentada). Quando, durante a festa, a bebida iria ser servida a todos, caiu do céu uma pedra de *widiiki* dentro da *kanawa*. Essa pedra foi colocada por Odosha, que queria atrair os feitos de Kuyujani. Então as pessoas, ao beberem o caxiri com a pedra de *widiiki*, começaram a falar línguas e tocar cantos e músicas diferentes.

Então vamos iniciar agora nossa conversa sobre remédios. Eu trouxe alguns objetos que carrego comigo e quero mostrar para vocês. São remédios que ficam na natureza. Eu os busco e os carrego sempre comigo. Não adianta ir buscar eles na floresta quando se está doente. Temos de ter eles sempre conosco.



Vicente e suas plantas de cura e de poder (Foto: Dalila Simões)

[Vicente abre uma bolsa onde carrega suas plantas e objetos de poder. E de dentro de um saco retira algumas plantas, tubérculos, pedras, ferrões de arraia, cabaças com plantas e um pacote de comprimidos, que são cuidadosamente dispostos por ele por sobre uma toalha, no centro da sala de aula].



Detalhes das plantas de cura (Foto: Pablo de Castro Albernaz)

Nós, Ye'kwana, recebemos essas plantas no princípio da terra. Elas nos foram dadas para nos protegermos dos inimigos que tentassem nos atacar. Veja bem. Me escutem. Isso não foi conquistado por nós agora. Isso veio desde o começo. Como eu contei no canto sobre os personagens que criaram a terra, nessa época havia inimigos [os Odoshankomo, gente de Odosha] que aproveitavam para estragá-la. Então Wanadi, o criador do ser humano, queria criar o mundo parecido com o pensamento dele, mas os inimigos sempre pensavam o contrário. Então os personagens conseguiram essas plantas para curar aquilo que foi estragado pelo inimigo. Isso foi Wanasedume [Wanadi] quem nos deu.

No começo dos tempos, recebemos essa pedra, “fiyuudu”. Recebemos também o ferrão da arraia [guardado em uma embalagem de plástico azul de chocolate M&M]. Depois recebemos os *mayuudu* [miçangas] e as cabaças etöodotoojo.



Detalhes das plantas e objetos de poder e de cura dos Ye'kwana (Foto: Pablo Albernaz).

Esses materiais são instrumentos que a gente carrega. Eu ando sempre com eles. As cabaças são importantes instrumentos. Esses são materiais que sempre lavamos com a gente. Quando você pensa em conseguir alguma coisa, você precisa desse material senão você não consegue. Eles facilitam, junto com o pensamento, na direção de conseguirmos algo que queremos na nossa vida. Tanto para o teu conhecimento como para animais que você está querendo conseguir, algo que você está querendo alcançar na sua vida.

Primeiro as pedras, depois as miçangas e o ferrão, as cabaças. Eles servem para afastar os Odoshankomo e para curar. Essas cabacinhas não são comuns. Existem plantas que preparamos e colocamos dentro delas através de cantos e rituais. Elas são cantadas para fazer *wadeekui*, criar as linhas que precisamos, ou para desfazer certas linhas de doença ou de perigo. Algumas servem para amansar, alegrar as pessoas. Por exemplo, se teu inimigo está te ameaçando você o afasta através do uso das cabaças.



Detalhes das cabaças, pedras, tubérculos e plantas de poder (*mada/woy*).

Essa pedra [Vicente segura uma pequena pedra, usada para curar alguém que está doente, sofrendo] você a invoca em uma fala ritual, um *a'chudi* e através do objeto faz o ritual de cura. Essa pedrinha é um remédio. Quando você estiver sofrendo ou alguém estiver bem doente, você a utiliza. Faz um *a'chudi* através do objeto para ter a cura. Quando alguém estiver com desintéria, diarreia, você usa.

O ferrão da arraia, você tira um pouco, você esfrega um pouco com a faca e retira. Quando você tiver com seu corpo todo dolorido, isso serve para acalmar. Você coloca na pele e toma um pouco. Isso serve para quando tiver dor, reumatismo, inchaço no corpo, ele ajuda o sangue a sair. As pessoas sentem dores nas juntas, quando eu tenho essas dores no joelho, eu pego esse ferrão e passo no joelho. Por exemplo, quando alguém tem íngua, ou tumor, é usado também isso aí. Se você utilizar isso uma vez, corta o mal de verdade.



Vicente faz uma demonstração do uso do ferrão na perna de seu neto

[Vicente se senta, toca em uma das cabaças e começa a explicar o seu uso].

Esse é um instrumento para conseguir algo. Isso eu posso fazer. Por exemplo, se o Pablo tiver que fazer alguma coisa que eu desejo para mim, eu faço *etöödotoojo* na direção dele, de onde ele está ou onde está sua casa e ele não vai me negar de jeito nenhum. Por exemplo, o Pablo tem um carro e está falando para as pessoas que não irá vender. Eu penso no que quero, com a *etöödotoojo*, e ele não vai me negar o que quero. A *etöödotoojo* muda, vira o pensamento da pessoa para fazer o que o curador quer. É preciso fazer o movimento com a mão esticando e encolhendo o braço, segurando a cabaça e fazendo o canto/*a'chudi*.

Essas cabaças menores são usadas para amansar os inimigos, para mandar embora temporais, dentre outras funções. Essas outras são usadas pelos sábios em suas viagens comerciais, para ter uma boa relação com os povos estrangeiros. Essas cabaças passam de pai para filho.



Detalhes das diferentes cabaças *etöödotoojo* (Foto: Pablo Albernaz)

As plantas de poder, *mada* e *woy*, a gente planta no terreiro próximo a tua casa ou na roça. Mas tem que ter cuidado e lugar certo. Tem que cuidar todo dia, toda semana, porque são plantas sagradas. São como remédios que são passadas de geração em geração e que devem ser cuidados. Geralmente essas plantas são repassadas ao primogênito. São plantas, parecidas com o inhame, mas que não são comestíveis. Chamam-se *woy* ou *mada*, são plantas poderosas que servem para proteger os Ye'kwana e, também, para vingar os mortos.

Essa outra planta é um pouco parecida, chama-se *wääwanaaka*. Ela te protege dos inimigos. Essa planta tem muitas regras. Ela é perigosa. Existem certas coisas que você não pode fazer. Depois que você usar ou quando plantar, você não pode comer carnes pesadas. Deve comer pássaros ou então galinha caipira. Depois de uns dez dias você pode começar a comer alguns tipos de peixes. Você não pode também ter relações sexuais. Quando você vai cozinhar as regras são mais rígidas. Leva mais tempo para poder mexer com os alimentos.

Essa folha menor possui regras também. Você utilizando essa *mada*, essa *woy*, você tira a batatinha rala no ralador e esfrega onde você sente dor. E faz ritual com cantos. Ela serve para deixar teu inimigo dormindo, fraco. Se eu utilizar, quando meu inimigo, Odoshankomo, espírito mal, se aproxima, logo que ele me vê fica sonolento e cai.

Essa cabacinha, se eu saio para o mato, eu faço gestos com a cabaça na direção do local e as cobras e outros animais e espíritos que fazem maldade para gente, dormem. Isso tem poder. Quem tem conhecimento desses materiais sabe que esses instrumentos têm poder.

As almas das plantas [*ekaato*], são poderosas, melhores e mais fortes que as almas [*akaato*] dos humanos. Ela vê dentro das pedras, das serras, anda em todo lugar. Após você falar com a planta e pedir que ela faça algo, ela faz. Ela anda, leva uma semana ou mais até encontrar o que procura. Ela é como detetive. Procura a origem da doença ou do mal e a encontra. Quando morre algum parente nosso, fazemos ritual com *woy* para executar a vingança da morte. O conhecedor bate, macera a planta, e após o ritual ela anda até achar o local onde estava o espírito mal que levou a vida da pessoa. Quando alguém morre é preciso fazer a vingança contra os Odoshankomo [seres de Odosha] através das plantas. O *woy* é usado num ritual para descobrir quem causou um adoecimento ou morte.

Eu sou conhecedor. Eu estou no caminho do xamã. Se um xamã matar uma pessoa através do espírito, a família da pessoa morta faz o *woy* e vai achar a causa, vai descobrir quem fez.

Nós temos seis *akaato*, que são o que os ladanawe chamam de espírito. O brilho que vemos nos nossos olhos é o nosso *akaato*. Ele vai para Kahuña através do *wadeekui* [das linhas, fios, conexões]. A sombra que vemos na água, o nosso reflexo, esse vai para o *wyu* [espíritos da cobra grande] e fica vivendo lá para sempre junto com eles até o final do mundo. Quando Wanadi deu *widiiki* [cristais] para a pessoa, teve um personagem que roubou o *widiiki*, seria *wyu*, sua mulher. Por isso eles são muitos e vivem na água. Nuna [lua], pediu também *widiiki* para multiplicar nessa terra. Mas o *wyu* pegou as pedras e levou para a água. A imagem que você vê no espelho vai viver nas serras e nas grutas. Tua sombra no sol, vai viver com o *shii* [o sol].

[Vicente, então, começa a fazer um ritual para curar um jovem:

De acordo com Reinaldo, seu filho estava em Auaris quando viu um animal/monstro na floresta que pegou sua alma e o tem deixado adoecido. Esse ritual demonstrado por Vicente na aula tem sido feito ao longo de várias semanas na aldeia de Waschannha, onde vive Vicente Castro e onde Reinaldo, que vive em Fuduwaadunnha, deixou seu filho para que fosse curado. Vicente afirma que irá fazer uma imitação, para termos uma ideia do ritual, mas que não será igual ao que ele faz em casa. Vicente deixa no chão dois tubérculos que serão usados durante o ritual. O jovem se senta em uma caixa de livros,

no centro da sala e fala em sua língua: “não tenho me sentido bem, tenho me sentido sonolento, sem vontade de viver nesse mundo, sem vontade de comer, me sentindo triste. É alguém que está atacando a minha alma”].

Vou retirar essa maldade que está próxima de você. Vou mandar sair o espírito mal que está te prejudicando. Vou fazer sopro para você primeiro, depois eu aplico a planta. [Vicente sopra bem acima de sua cabeça, no centro, enquanto o jovem permanece de olhos fechados. Faz uma sequência de três longos sopros, repetindo-a algumas vezes. Em seguida, sopra nas costas. Ele passa o tubérculo (*woy*) no rosto e na cabeça do jovem, entremeando as sequências de sopros. Depois passa nas costas todas, proferindo uma reza. Em seguida sopra novamente na cabeça do jovem, girando a própria cabeça e com esse gesto mandando embora o espírito mal para a direção oeste. Depois ele pega uma cabaça e faz o mesmo processo].



Ritual de cura (Foto: Pablo Albernaz).

Essas plantas têm mais poder que o ser humano. Eu disse para as plantas, durante a reza: “Você tem mais poder que o ser humano. Alguém conquistou você e entregou aos seres humanos, em forma de planta. Você veio, você está aqui agora. Então me responda: o que está acontecendo com esse jovem? Você é capaz de descobrir, de encontrar o espírito, saber se ele tem forma de cobra, de algum animal.

Vocês podem ver, então me ajudem. Que você quebre as armas que estão apontadas contra esse jovem. Que você descubra e retire o mal desse jovem. Ele é moço e ainda irá viver mais tempo. Ele será no futuro um dos nossos líderes. Por isso eu preciso que ele fique curado, que ele fique saudável”.



Ritual de cura (Foto: Pablo Albernaz).

Esse ritual deve ser feito sem muitas pessoas. Por isso eu não fiz o canto. Mas agora eu irei fazer o canto, como é o canto no ritual quando faço na minha comunidade.

[Vicente canta, então, por cerca de 4 minutos, marcando com o canto o encerramento da aula].

O espírito mau entrou no corpo da pessoa e não deixa a pessoa normal. O canto pede para tirar, para cortar as linhas, os vínculos que o espírito mau colocou. Esse é o canto que eu demonstrei. Ele leva bastante tempo. É um canto muito longo, que fazemos durante vários dias ou semanas, durante toda a noite, para curar os nossos doentes. Essa foi a minha fala de hoje para vocês. Agora vamos comer *damorida* e beber *chibé*.

## Conclusão

O objetivo desse texto foi realizar uma homenagem ao grande mestre Vicente Castro Yudaawana. A publicação da transcrição das aulas de Vicente na disciplina Encontro de Saberes a partir do trabalho colaborativo do professor e tradutor ye'kwana e do professor anfitrião da disciplina, teve por intuito retirar mais uma lição das muitas que Vicente Castro deixou nesse “baú” ao qual se referiu Reinaldo Wadeyuna e que consiste em todos esses saberes possibilitados àqueles que conviveram com esse ancião ao longo de sua vida.

A superação do grande divisor que coloca a escrita em relação de privilégio diante da oralidade deve entendê-la como uma técnica que foi, desde a geração de Vicente Castro, apropriada pelos Ye'kwana para fins de registro da própria cultura e de domínio das “armas” dos *iadanawe* [brancos], sempre colocando a oralidade como superior à escrita e a dominando enquanto estratégia contracolonial. As publicações recentes de pesquisadores ye'kwana em cursos de graduação e de mestrado demonstram um dos caminhos que esse povo tem seguido para manter fortalecidos os seus saberes e seus conhecedores tradicionais. Outro caminho traçado por eles são os cadernos de cantos, comuns entre os homens e mulheres alfabetizados na língua vernácula, que possibilitou um intenso regime de circulação de saberes entre os Ye'kwana no Brasil e na Venezuela. A transcrição das aulas de Vicente Castro no Encontro de Saberes vem a se somar às iniciativas próprias dos Ye'kwana de registro e difusão dos seus saberes, bem como de valorização dos seus mestres.

As aulas de Vicente Castro Yudaawana abordaram questões como: a importância do Encontro de Saberes como continuidade de um longo processo de relação dos Ye'kwana com a escolarização e a escrita; a importância de se buscar os conhecimentos corretos que levam a entender as questões fundamentais da vida humana e da vida em sociedade, reconhecendo os riscos que outros saberes possuem ao desviar o pensamento para o que não é primordial; os cantos e os rituais como forma de aprendizagem e como história; a necessidade de se aliar às práticas ao ensino, através da presença dos conhecedores tradicionais no espaço da universidade e da escola; a centralidade de Watunna e do xamanismo entre os Ye'kwana; a importância de se manterem vivos os rituais de iniciação e de passagem que são fundamentais para a

saúde das pessoas e preservação dos saberes; as origens das plantas, miçangas e pinturas; as diferenças entre as almas das plantas e as almas dos humanos; a visão histórica dos impactos e desafios da escolarização; a origem e centralidade dos rituais e dos cantos tradicionais ye'kwana; a importância da figura do mestre como curador das pessoas e como orientador dos caminhos que devem ser seguidos.

A publicação de textos gerados a partir de experiências orais tem sido uma das maneiras que os conhecedores indígenas – e seus colaboradores de pesquisa – têm usado para contracolonizar os espaços de poder da palavra escrita e do mundo acadêmico, produzindo uma verdadeira transformação nas bibliografias de cursos universitários e de pesquisas realizadas no Brasil. Esse texto tem, portanto, o objetivo de contribuir nessa direção.

### **Referências Bibliográficas**

ALBERNAZ, P. de C. **The Ye'kwana cosmosonics a musical ethnography of a North-Amazon people**. Doctoral dissertation. Universitätsbibliothek Tübingen: TOBIAS-lib, 2020.

ARVELO-JIMENEZ, Nelly. **Relaciones políticas en una sociedad tribal**. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1974.

CIVRIEUX, Marc de. **Watunna -Mitologia Makiritari**. Caracas: Monte Ávila Editores, 1970.

COPPENS, Walter. Las relaciones comerciales de los Yekuana Del Caura-Paragua. In: **Antropológica** 30, pp. 28-59, 1971.

GIMENES, Henrique Aleuta. **Ritos e passagens de idade do povo ye'cuana**. Trabalho de conclusão de Curso. Boa Vista: UFRR, 2008.

GUSS, David. **To weave and sing: art, symbol, and narrative in the South American rain forest**. Berkeley: University of California Press, 1990.

